

## **“A VERDADEIRA HISTÓRIA” SEGUNDO BERNADINO: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *CALDEIRÃO*, DE CLÁUDIO AGUIAR**

Samarkandra Santos Pimentel

Resumo: Analisaremos a confluência da história e literatura, atentando às diferenças que ocorrem na passagem do fato histórico para o ato literário, no romance *Caldeirão* (1982), obra que ficcionaliza um dos mais tristes episódios da história do Ceará, a destruição da fazenda homônima do romance, ocorrida em 1936/37. Constatamos que o escritor cearense Cláudio Aguiar (1944) buscou representar “a verdadeira história” do povo do Caldeirão e de seu principal integrante, o beato José Lourenço, chegando mesmo a escolher como narrador um ‘remanescente’ da comunidade Caldeirão.

Palavras-chave: Literatura. História. Memória. Narrativa.

Abstract: We shall analyze the confluence of history and literature, observing the differences occurring in the passage from the historic fact to the literary act in the novel *Caldeirão* (1982), which depicts one of the saddest episodes in Ceará’s history, the destruction of the homonymous farm in 1936/37. We concluded that the writer Claudio Aguiar, born in Ceará himself, tried to represent the “true history” of Caldeirão’s people and of its main member, the so-called *beato* José Lourenço, to the point of choosing as narrator a ‘remnant’ of the Caldeirão community.

Keywords: Literature. History. Memory. Narratives.

O tempo é culpado. Vai apagando a sabedoria da gente.  
Só não leva a experiência, o palpar, o ver.  
Aí tudo vira lembrança, coisa feita.  
Tudo volta (AGUIAR 2005:37).

### Introdução

Acerca dos primeiros relatos, Benjamin (1994) destacou que estes eram produtos da memória que se transmitiam pela oralidade, tendo como principais protagonistas as figuras de camponeses e homens do mar, os “velhos mestres da narração”, cujas histórias alimentavam a tradição e a imaginação. Porém, lamentou o filósofo alemão, a possibilidade de troca de experiências já não se encontra nas narrativas modernas, pois, “as ações da experiência estão em baixa” e, aos poucos, deverão desaparecer para dar lugar à narrativa solitária e imaginativa do presente no romance. A narrativa moderna não compartilha assim o caráter utilitário da narrativa clássica, da qual deveriam advir ensinamentos e conselhos de ordem moral e prática.

Sobre o narrador, afirma Benjamin (1994), “é um homem que sabe dar conselhos”, seu propósito é sempre definido e é alguém capaz de “fazer uma sugestão

sobre a continuação de uma história que está sendo narrada". Tanto que, "os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica" (op.cit.:205). Ele é uma espécie de conselheiro de seu ouvinte.

Na Idade Média, os velhos detinham este papel e, segundo Le Goff (1990), eram venerados, "sobretudo porque viam-se neles homens-memória, prestigiosos e úteis" (LE GOFF 1990:449).

A última e quarta edição *Caldeirão* nos trouxe uma nota explicativa, na "orelha" do livro, acerca das circunstâncias da narração: um personagem repórter, ao buscar, no velório do Beato Lourenço, mais informações sobre morte do líder do Caldeirão, as obtém ouvindo, durante a madrugada de 12 para 13 de setembro de 1946, o relato (que vai bem além do buscado) de um integrante da comunidade, Mestre Bernadino.

Ensinamentos, conselhos, respeito por aqueles que guardam a memória de um povo extinto. É isso que encontraremos representado em *Caldeirão*, de Cláudio Aguiar.

#### 1. As lembranças do experiente Bernadino: "tudo volta..."

Mestre Bernadino, "curandeiro, guerreiro e decurião" do povo do Caldeirão, personifica neste romance o grande narrador benjaminiano que "tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais" (op.cit.:214). Através dele, serão mostrados os demais personagens do romance, inclusive o suposto protagonista da história, o beato José Lourenço. Mas Bernadino tem consciência de que a sabedoria, "o conselho tecido na substância viva da existência" está em extinção. Por isso, esclarece ao seu atento interlocutor: "O tempo é culpado. Vai apagando a sabedoria da gente. Só não leva a experiência, o palpar, o ver. Aí tudo vira lembrança, coisa feita. Tudo volta" (AGUIAR 2005:37).

Neste voltar, Bernadino, o elemento organizador da narrativa, também antecipa, anuncia, critica, denuncia, ironiza e corrige outras versões dos feitos que narra:

Como o senhor é de fora, antes de explicar o porquê da renitência dos sinos contra os ouvidos de Juazeiro do Norte, convém gotejar pingos de esclarecimentos sobre a origem do Vale do Cariri e que os selvagens perderam para os senhores brancos da Casa-da-Torre-Bahia, um mundo fora daqui. Depois, posso falar da Santa Cruz do Deserto, enterrada no Caldeirão, acima daquela ponta de serra (op.cit.:15).

Como nenhuma narração é em vão, o leitor procura algo mais que uma história e seu autor, através do narrador, sempre conta além do narrado. A versão do narrador é dada pelo seu ponto de vista, pela maneira como nos conta e pelo conhecimento que tem da história. O leitor, inicialmente, não sabe o que virá, por isso, silenciosamente, segue o narrador, passando, aos poucos, a ter que ler nas entrelinhas.

Os 'selvagens' mencionados são os índios cariris, primeiros habitantes da região. Assim, propositalmente, o narrador também aproximou a história de seu povo à história dos índios cariris, pois, falando em nome do seu povo, ele afirma: "nós queremos continuar a luta dos antigos" (op.cit.: 17). Aqui, uma grande característica dos romances latino-americanos começa a ganhar relevo: o neo-indigenismo, visando suscitar um remorso/arrependimento, através da denúncia social e análise cultural. Em muitas destas

obras, o problema do índio é visto ou exposto em situações em que vivenciam a destruição de suas comunidades, o arrebatamento de suas terras, a dificuldade para a integração social, a exploração, a superstição, o sincretismo, etc. Discussão importante que mereceria um estudo de fôlego...

Tentaremos, assim, apreender a forma pela qual o narrador realizou o seu objetivo, o de tentar reconstruir um passado através da memória que o escapava: a história do personagem beato Lourenço e de seu povo.

Durante a narração de Bernardino, perceberemos que o personagem beato José Lourenço, apesar dos seus, digamos, "excessos na juventude" e das suas esporádicas bebedeiras, será representado quase como um profeta bíblico, ou melhor, como o guia escolhido para seu povo, dotado de resistência sobre-humana, sabedoria divina, chegando – eventualmente – a manifestar poderes sobrenaturais.

Logo no início, quando ainda não havia aceitado a fé, Lourenço, à procura da família em Juazeiro (que havia deixado, devido à violência do pai), foi, a conselho dos romeiros, procurar o onisciente Padre Cícero que, após uma importante conversa acerca do paradeiro de sua família, revelou-lhe ser ele 'o escolhido' para guiar os romeiros. Ainda relutante, Lourenço aceitou e levou-os para o sítio Baixa Dantas, que pertencia ao João de Brito. Lá, com o passar do tempo, Lourenço aceitou a fé e sua missão.

Ainda a pedido de padre Cícero, eles cuidaram de um garrote, o boi Mansinho. Comentários acerca da 'santidade' do animal logo surgiram, fato que muito irritou Doutor Fuloro, médico e amigo de padre Cícero, que começou a perseguir o povo do beato, chegando mesmo a prendê-lo e a matar o manso animal, pondo fim à boataria acerca dos possíveis milagres realizados por ele. Diante disso, lembramos a observação de Seraine (1987): o Boi é o personagem central do folguedo e "talvez venha a ser uma sobrevivência geral do paganismo, como outras sobrevivências, incorporadas ao catolicismo popular da Europa" (SERAINÉ 1987: 299).

Acerca da prisão do beato, Bernardino relatou que, após a morte do Mansinho, foi visitá-lo. No almoço, o prato servido ao beato era a carne do boi estimado. O beato a rejeitou, ficando sem comer os 18 dias em que passou preso. No nono, Floro Bartolomeu, disse, irritado: "- Eu nunca botei um homem na cadeia que com sete dias não desse couro às varas. Este beato Lourenço, com este tempo todo, nove dias, agora é que parece forte" (op.cit.:139).

Os soldados que vigiavam o beato observaram, impressionados, que ele tanto não comia como não dormia. Floro Bartolomeu resolveu então consultar padre Cícero que lhe revelou:

– Eu pensava, Fuloro, que conhecias o José. Fuloro, tu estás pensando que o José tá ali naquela cadeia, sofrendo naquele chão molhado, fedorento, cheio de carrapatos, percevejos e mijo de muitos presos que passaram por ali, Fuloro? Ele tá é em Baixa da Anta trabalhando, almoçando, dormindo e rezando o rosário mais a gente dele. Ah, Fuloro, eu pensava que conhecias o José. Tá, eu me enganei contigo completamente (op.cit.:142).

Desapontado, Floro duvidou do que disse o padrinho que, desafiando-o, respondeu: "- Ah, Fuloro, tu dizes que ele não quer comer? Pois quando chegares em tua casa, manda preparar um prato de comida e levar pra ele comer. Depois me contas se ele comeu ou não" (op.cit.:142). Floro Bartolomeu fez o que padre Cícero falou e

comprovou, espantado, que o padre estava certo. Para completar, o beato avisou ao narrador que no dia seguinte seria solto e assim ocorreu. Ao sair, foram à casa de Floro que os convidou – amigavelmente – para almoçar.

Benjamim (1994), sobre a obra de Nikolai Leskow, objeto de estudo em *O Narrador*, afirmou:

[...] o extraordinário e o miraculoso são narrados com maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (op.cit.: 203).

Demonstra-se assim, conforme o narrador, a crença do padrinho em certos poderes “sobrenaturais” do beato. Porém, novamente, a realidade se impõe. Durante a festa em comemoração ao retorno do beato, o Coronel João de Brito, dono de Baixa Dantas, comunicou a venda do sítio.

Padre Cícero, para resolver o problema, ‘deu’ o Caldeirão para o povo do beato afirmando-lhe que lá eles poderiam ficar “eternamente, durante dez anos”. Eis a segunda morada do povo do beato.

O lugar era de difícil acesso e o terreno pedregoso. Todos acreditavam que lá não havia água, entretanto, certo dia, Bernardino descobriu um olho-d'água, um tanque com água limpa. O povo pensou em milagre, afinal de contas, explicou o narrador, “tudo era tão natural que nem se via o extraordinário” (op.cit.:173). Em pouco tempo, havia água em todo o Caldeirão. Chevalier; Gheerbrant (1997), ao esclarecer a representação simbólica tanto dos poços no deserto quanto as fontes encontradas pelos nômades são, segundo dados da Bíblia, lugares sagrados, “centre de paix et lumière, oasis” (CHEVALIER; GHEERBRANT 1997: 376).

Uma igreja também foi construída, só faltando chegar os santos encomendados. Antes disso, só reza e trabalho, ressaltou o narrador. Seguiam, então, o lema da Ordem de São Bento, uma das primeiras comunidades monásticas da Idade Média, *ora et labora...*

Graças assim à diligência dos seus habitantes, a comunidade começou a prosperar, atraindo mais pessoas. Assim, o Conselheiro Severino Tavares chegou ao Caldeirão e, com ele, gente de vários lugares.

Bernadino menciona as histórias repletas de exageros que, às vezes, surgiam na comunidade. Conta então a história de Paulo Pancada, um “homem de fama virada para os arrufos da brabeza declarada”, tanto que, certa vez, ao brigar com um lobisomem, cravou-lhe um punhal no peito e, depois disso, no mesmo local, um inimigo seu apareceu ferido. Bernardino, acerca do caso, questionou seu interlocutor: “Ah, o senhor avalie só, quem duvidaria que esse homem não fosse o próprio lobisomem que vendera sua alma ao diabo para poder desandar a vida de Paulo Pancada, o valentão de Santa Fé?” (AGUIAR 2005:191).

Registrado desde Heródoto até os dias atuais, o lobisomem, “o mais popular dos animais fabulosos”, possui variantes em sua retratação como todo mito universal. No Brasil, segundo Câmara Cascudo (1988), “os traços com que a imaginação do nosso povo retratou o lobisomem são duplos, porque também essa criatura infeliz, conforme o nome mostra, é dual” (CASCUDO 1988: 441). Sua sorte é um fado, talvez a remissão de um pecado moral. Cascudo resalta que “quem ferir o lobisomem, quebra-lhe o fado; mas que se não suje no sangue, de outro modo herdará a triste sorte” (op.cit.).

Histórias assim, com exageros, afirma Bernardino, eram comuns nos alpendres ou terreiros da Estação do lugar. Outros boatos que circulavam eram que o beato vivia se deliciando com as virgens, nas camarinhas da Estação e exigia que romeiros lhe dessem dinheiro. Mas a história não era bem assim, ele atesta.

Com o intuito de fazer melhorias no Caldeirão, tais como construir novas casas para os que chegavam, o beato aceitava as doações. Afinal de contas, concluiu o narrador, "sendo de todos pertenciam a cada um" (AGUIAR 2005: 201), ecoando nisto o *Manifesto Comunista*. E, para completar, a qualquer hora, os revolucionários invadiriam o Caldeirão em busca de armas: "Caldeirão era considerado um lugar perigoso à nova ordem", completou o narrador, empregando categorias sociológicas inverossímeis, dada sua condição.

Fernandes (1996) observa que "o narrador só pode dar-se ao luxo de expressar os preconceitos de sua época se estes preconceitos têm alguma função dentro da obra e não são meras opiniões" (FERNANDES 1996:47). No caso de Caldeirão, esses preconceitos visam criticar a história oficial, portanto não podem ter função alguma na obra, a não ser que o objetivo do romance seja justamente o de criticar a história oficial, configurando-se assim como uma versão dessa história.

O narrador mencionou que os padres "andavam de vistas apagadas para os lados do Caldeirão", e assim o beato muito naturalmente fazia "às vezes" de padre. A esse respeito, Bernardino podia estar sendo injusto com os padres, pois, segundo Queiroz (1976), este problema não se devia à falta de zelo dos sacerdotes, mas à ausência de padres, fato que

[...] sempre afligiu as autoridades eclesiásticas e foi uma das razões do desenvolvimento de muitos dos fatos que a religião oficial tem considerado anômalos e até mesmo pagãos, ao contrário das populações que os vivem, as quais consideram estar com a verdade religiosa (QUEIROZ 1976: 161).

Ainda em vida, padre Cícero havia doado as terras do Caldeirão para os salesianos. Uma sucessão de desgraças ocorreu então em seguida. Os jornais atacavam o povo do Caldeirão, acusado de viver em regime comunista.

Dias depois, Janjão comunicaria ao beato que o Caldeirão estava cercado pelos militares. Zaías, para acalmar a todos, mandou-lhes permanecer em suas casas, pois, nada de errado eles haviam feito. Porém, Sebastião Marinho, "inflamado, arrotou valentia e anticlericalismo:

Isso foi a mando dos padres salesianos do Crato. Eles estão doidos para tomar as terras do Caldeirão. Todo mundo sabe que eles se uniram aos políticos e à polícia para destronar a gente daqui. Igreja de Cristo! Ela tá cheia é de cão! Acho que a gente deve reagir, se embrenhar no mato e atacar essas pestes de pouco a pouco, sempre pegando eles na desvantagem do terreno (op.cit.:303).

Apesar da ausência de armas, os presentes concordaram, exceto o beato que, mais uma vez, com sua tranquilidade habitual, disse a todos:

- Quero que haja união entre nós. Ninguém precisa contrariar a verdade. O que um disser, por ser verdade, todos dirão. Vejam o que eu ensinei. Essa inquisição do governo não parece com as que já passaram por aqui. A Trindade do mal se aboletou no nosso pouso (op.cit.: 304).

Nesta passagem, o autor se expressa através do beato, pois a terminologia "trindade do mal" foi cunhada por teóricos marxistas do romance latino-americano contemporâneo. O narrador, apresentando claramente sua indignação diante dos fatos, reiterou o dito pelo beato: "Veja que soletração palpável! Que clareza são de razão mediada de juízo! Como se tripartia a trindade? Só não via quem não queria" (op.cit.).

Em vão, os militares chegaram ao Caldeirão em busca do beato que, com uma espingarda nas costas, já havia partido, pois "estava pronto para o sacrifício, já que todos pediam". Aquela separação, conforme explica o narrador, era "quase mortal para nós, foi selada quando ele deu os primeiros passos em direção da vereda dos elevados da Chapada do Araripe, que manda às terras de Pernambuco" (op.cit.:306). Subindo ao monte, para o sacrifício, parecia Jesus rumo ao Calvário. Mas na verdade fugia para Pernambuco. Aqui é forçada a alegoria messiânica.

Ao chegar, os policiais deram voz de prisão a todos. A lamúria foi geral. Os soldados fizeram uma grande fogueira para queimar todos os sinais sagrados da comunidade. Mas a "santa cruz do deserto", mediante pagamento ao tenente e ao cabo de um saco com moedas de ouro, escapou ilesa: "o tenente e o cabo, de repente, ficaram atraídos de tal sorte para a riqueza do saco que soltaram a santa cruz ..." (op.cit.:322).

Conscientes de que suas vidas não eram mais do que a realização de um destino que foi imposto, o narrador conta que sugeriu a todos que partissem em direção ao beato, no Sítio do Maracujá, "socavão perdido nos escondidos da chapada do Araripe, quase na fronteira com Pernambuco" (op.cit.:341). Lá, tentariam se reerguer, com a ajuda dos amigos da comunidade:

Com pouco tempo o grosso da Força foi embora, porque mais nada restava fazer no Caldeirão. A missão estava cumprida: o governo destruíra o foco de fanáticos que segundo dissera o coronel Lobão numa entrevista publicada mais tarde em jornais de Fortaleza, por pouco Caldeirão não se transformou num novo Canudos (op.cit.:372).

Assim, nesta nova morada, todos os dias chegavam mais pessoas famintas, pedindo ajuda ao Beato Lourenço. O povo passou todo o ano de 1937 no Sítio e tudo prosperava. Porém, Sebastião Marinho achava arriscado todos permanecerem lá, pois, no Crato e no Juazeiro as pessoas já sabiam que eles estavam lá, e o seguinte boato já circulava:

[...] havia mais de mil fanáticos com armas nas mãos embalados e decididos a invadir Crato e Juazeiro, tomar o mando das autoridades, expulsar a Força do Caldeirão e restaurar a Pátria do Sertão, sob a bandeira da santa cruz do deserto. No governo seria colocado o beato José Lourenço como substituto de Padre Cícero (op.cit.:378).

Para Sebastião Marinho, o melhor seria procurar o capitão para esclarecer o boato, pois, se assim não procedesse, era "a mesma coisa que cruzar os braços e esperar a morte".

Mas três homens haviam sido assassinados pelo capitão Bezerra. Sabendo do que havia ocorrido, o beato disse ao narrador que todos deveriam partir imediatamente:

- Mestre, no Caldeirão, sem a gente ter feito nada de mal ou de errado, eles invadiram e destruíram tudo, imagine agora que houve essa matança. A desgraça vem por aí soprada pelo próprio vento como tempestade.

Reúna o povo, mestre. Que todos fujam para onde quiserem. Eu vou para Pernambuco com o Valdevino (op.cit.: 404).

No dia seguinte, matérias, acerca dos três mortos, saíram nos jornais. Num deles, lembra o narrador, constava: "Os tristes acontecimentos do Caldeirão. Ainda não foi capturado o beato Lourenço. São Cosme, São Pedro e Santo Anastácio, da Corte Celeste do beato Lourenço, mortos na luta com o Capitão Bezerra" (op.cit.:411).

Escondidos na mata, o beato, ainda 'doente da barriga', recebia os cuidados de Bernardino. Quando o povo do Caldeirão viu um avião vindo em sua direção, ficaram aterrorizados e sem saber direito para onde ir. Bernardino, com seu povo, foi em direção a Pernambuco, pois, pros lados de Santa Fé, a Tropa já havia chegado.

O narrador, após terminar a sua história, diz ao seu interlocutor: "Conversamos tanto que nem demos fé de que o dia já clareou há algumas horas. Reparou?". Findo o relato de Bernardino, chegava a hora do enterro. O beato seria levado para o cemitério do Socorro, com Mestre Bernardino segurando uma das alças do caixão. O defunto teria morrido de morte natural, na Fazenda União, em Exú, dez anos após o bombardeio da Chapada. Bernardino avisou ao repórter que, se ele desejasse saber mais sobre as pessoas que permaneceram na Chapada, depois ele poderia contar.

## 2. Conclusão

Bernadino, tal como Sherazade, d*As Mil e Uma Noites*, narrou sua história e a de seu povo para continuar vivo, ludibriar a morte, afirmar-se, evitando assim que a "verdadeira história" de seu povo fosse esquecida e passasse a ser conhecida e divulgada. Mas foi ele que, a partir das perspectivas presentes, interpretou e filtrou os acontecimentos em sua memória, fazendo uma construção narrativa e, ao resgatar e valorizar suas memórias, trilhando os caminhos de Mnemosine, ele se reconheceu como agente da própria história e do grupo, protegidos pela musa Clio.

Assim, completariamos afirmando que os sujeitos também são os narradores de suas memórias, mas devemos lembrar que por trás do narrador ficcional temos o autor que pensa longamente sobre o que escreve e, por isso, pode reformular o que diz sempre que achar necessário, sem compromisso com nenhum tipo de experiência efetivamente vivida. A literatura lhe permite isso. Assim, Cláudio Aguiar, ao inserir em sua narrativa, com traços marcadamente ideológicos, fontes e informantes, mesmo que ficcionais, apresenta-nos um relato que contesta o que foi informado à época pelos jornais, a história oficial. Porém, Cordeiro (2001), acerca da história da comunidade, observou que

[...] as representações da imprensa nos jornais da época, compreendendo o período de 1930 a 1940, incluem "narrativas" sobre o beato, prenes de interpretações oficiais, e são uma extensão da ótica das classes dirigentes, de documentos militares e de divulgação do discurso do Estado formulando a memória pública oficial. Esses textos, eventualmente, apresentam coincidências com o texto oriundo de fontes orais, por incorporarem narrativas da população (CORDEIRO 2001:39).

*Caldeirão*, entretanto, transcende o relato dos acontecimentos sociais e das crises políticas que abalaram o Ceará até meados dos anos 30, já tão cantado por poetas, cordelistas, e analisado por sociólogos e historiadores. Ao criar Mestre Bernardino,

testemunha ocular e exemplo de narrador no sentido benjaminiano – aquele que colhe o que narra na experiência, própria ou relatada, e a transforma outra vez em experiência dos que ouvem sua história – Cláudio Aguiar nos apresenta seu relato repleto de informações não somente sobre o fim do Caldeirão, mas também, sobre a cultura deste povo e a dos primeiros habitantes da região, os índios Cariris que ele, claramente, aproxima às raízes do Brasil. Festas, rezas, danças, cantos, contares são, segundo Carpentier (1987), temas recorrentes na obra de escritores latino-americanos, incorporados a questões raciais e ideológicas. Tudo isso é bem alinhavado em *Caldeirão*, fator essencial para afastá-lo de qualquer possibilidade de panfleto literário e garantir o seu estatuto de obra de arte.

#### Referências bibliográficas

- AGUIAR, Cláudio. *Caldeirão: romance*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.  
\_\_\_\_\_. *Caldeirão*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Calibán, 2005.
- ALVES, Joaquim. Juazeiro, cidade mística. In: *Clã – revista de cultura*. Número 8, Ceará, 1949.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskow. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7ª ed, São Paulo: Brasiliense, vol. 1, 1994.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução Carlos Sussekind. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- CAMPOS, Eduardo. Caldeirão: subsídios à redefinição de sua história. *Revista de Letras*, v. 54, 1999.
- CAMURÇA, Marcelo. *Marretas, Molambudos e Rabelistas: a revolta de 1914 no Juazeiro*. São Paulo: Maltese, 1994.
- CARMONA, Alfonso Ortega; ALEENCART, Alfredo Pérez. (coord.). *Viento del Nordeste – Homenaje internacional al escritor brasileño Cláudio Aguiar*. Salamanca: Universidade Pontificia de Salamanca, 1995.
- CARPENTIER, Alejo. *A Literatura do Maravilhoso*. São Paulo: Editora dos Tribunais, 1987.
- CASCUDO, Luís Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1988.  
\_\_\_\_\_. *Geografia dos mitos brasileiros*. Editora Global. São Paulo, 2002.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des Symboles*. 19 ed. Paris: Editions Robert Laffont/ Jupiter, 1997.
- CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida. *Memórias e narrações na construção de um líder*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Dissertação de mestrado, 2001. 171 pág.
- FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do romance: e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- LASO, J. L. Gavilanes. Brasil o el optimismo de la tragedia – conversación con el escritor Claudio Aguiar. *El Adelanto*. Salamanca, Espanha, 05/03/83.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.



QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. 2 ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1976.

SERAINÉ, Florival. *Temas de linguagem e de Folclore*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1987.